



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS - FACC

ANA CAROLINA ALMEIDA DA SILVA

**A ESTRATÉGIA COMO PRÁTICA SOCIAL:
UMA ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA DA PESQUISA CIENTÍFICA NACIONAL**

RIO DE JANEIRO - RJ

2019

ANA CAROLINA ALMEIDA DA SILVA

**A ESTRATÉGIA COMO PRÁTICA SOCIAL:
UMA ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA DA PESQUISA CIENTÍFICA NACIONAL**

Monografia apresentada à Faculdade de Administração e Ciências Contábeis da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharela em Administração.

Orientadora: Prof.^a Ana Carolina P. D. da Fonseca

Coorientadora: Prof.^a Marianna Zattar

RIO DE JANEIRO - RJ

2019

RESUMO

A pesquisa aborda um estudo bibliométrico sobre o tema “Estratégia como Prática Social”. O objetivo geral é analisar a produção científica nacional, a partir de indicadores bibliométricos, com intuito de contribuir para o preenchimento da lacuna teórica existente no mapeamento da produção científica nacional sobre estratégia como prática social. Considerou-se como base de dados os artigos publicados sobre o tema na Web of Science e na Scielo Citation Index. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica, sendo utilizada a bibliometria como método de pesquisa. Foram selecionados e analisados 48 artigos por meio de técnicas de estatística descritiva. Os resultados apontam que o maior número de publicações no Brasil foi feito em 2011; a maioria desses estudos foram realizados por membros da Fundação Getúlio Vargas; os principais autores foram Sérgio Bulgacov e Alexandre Faria; os estudos foram publicados principalmente na Revista de Administração Contemporânea (RAC). Pôde-se concluir que existe uma escassez de informações e análises científicas acerca do tema estratégia como prática social.

Palavras-chave: Estratégia. Prática Social. Estudo Bibliométrico.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Evolução das Publicações.....	19
Gráfico 2. Evolução das Publicações.....	20
Gráfico 3. Periódicos que mais publicaram sobre o tema.....	21
Gráfico 4. Periódicos que mais publicaram sobre o tema.....	21
Gráfico 5. Idiomas em que os artigos foram publicados.....	23
Gráfico 6. Idiomas em que os artigos foram publicados.....	24
Gráfico 7. Instituições que mais publicaram sobre o tema.....	24
Gráfico 8. Instituições que mais publicaram sobre o tema.....	25
Gráfico 9. Termos identificados nos artigos pesquisados.....	26

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Comparação entre as palavras chave.....	16
Quadro 2. Definição da Amostra.....	16
Quadro 3. Autores que mais escreveram sobre o tema.....	22
Quadro 4. Autores que mais escreveram sobre o tema.....	22

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
1.1 Objetivos	7
1.1.1 Objetivo geral	7
1.1.2 Objetivos intermediários	7
1.2 Delimitação do estudo	7
1.3 Relevância do estudo	8
2. REFERENCIAL TEÓRICO	9
2.1 Estratégia como Prática Social (EPS)	9
2.2 Análise bibliométrica	12
3. METODOLOGIA	14
3.1 Tipo de pesquisa	14
3.2 Coleta de dados	14
3.3 Análise dos dados	17
3.4 Limitações do método	17
4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	19
4.1 Número de artigos publicados anualmente	19
4.2 Periódicos	20
4.3 Autores	22
4.4 Idiomas	23
4.5 Instituições	24
4.6 Temas	25
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	29

1. INTRODUÇÃO

A atual importância da estratégia para as organizações e os gestores não pode ser considerada um exagero. Como Barry e Elmes (1997, p.430) apontam, a estratégia deve “ser classificada como uma das histórias mais proeminentes, influentes e valiosas dentre as contadas nas organizações”. Trata-se de um ponto obrigatório de ligação entre o mundo interior das organizações hermeticamente fechadas e o mundo exterior dos ambientes nos quais tudo o mais se opera.

Uma recente perspectiva dentro do campo de estudo da estratégia é da “estratégia como prática”, que visa estudar a estratégia acontecendo no dia a dia, por meio das práticas, práxis e praticantes, com a preocupação na prática social (JARZABKOWSKI, 2005; WHITTINGTON, 2006).

As práticas são todas as atividades da organização, a práxis é a forma como essas práticas são realizadas e os praticantes são os sujeitos que as executam. A interconexão de práticas, práxis e praticantes constituem o *strategizing*, ou seja, as atividades, práticas e ações no fazer da estratégia, resultando em interações e mudanças sociais (JARZABKOWSKI; BALOGUN; SEIDL, 2007).

Os praticantes estão num sistema social e suas interações, o modo como executam as práticas, os motivos e desejos de todos os envolvidos tornam possível compreender a práxis em vários níveis (JARZABKOWSKI, 2010; WHITTINGTON, 2014).

Por fim, notou-se a carência de estudos que revelem a produção nacional sobre estratégia como prática social. Dessa forma, levantou-se o seguinte problema de pesquisa:

Qual é o panorama da pesquisa científica nacional sobre o tema estratégia como prática social?

1.1 Objetivos

Para Marconi e Lakatos (2002, p.24) “toda pesquisa deve ter um objetivo determinado para saber o que se vai procurar e o que se pretende alcançar”.

1.1.1 Objetivo geral

O objetivo deste trabalho é apresentar um panorama sobre a produção científica nacional a respeito da estratégia como prática social.

1.1.2 Objetivos intermediários

- Verificar o número de publicações sobre o tema feitas anualmente;
- Identificar quem foram os autores que mais escreveram sobre o tema;
- Identificar quais foram os periódicos que mais publicaram sobre o tema e em quais idiomas;
- Identificar quais foram as instituições que mais pesquisaram sobre o tema;
- Realizar uma representação teórica dos temas a partir das palavras-chave.

Neste trabalho a bibliometria foi utilizada como método de pesquisa.

A Bibliometria define-se por uma ferramenta estatística capaz de produzir e mapear diferentes indicadores relacionados à gestão da informação e do conhecimento, principalmente nos sistemas de informação e de comunicação científicos e tecnológicos, essencialmente importantes para os processos de planejamento, monitoramento e gestão da ciência e tecnologia. (GUEDES; BORSCHIVER, 2013).

1.2 Delimitação do estudo

O trabalho restringiu-se à análise de artigos científicos feitos por autores brasileiros a respeito da estratégia como prática social, exclusivamente nas bases de dados referenciais Web of Science e Scielo Citation Index.

1.3 Relevância do estudo

A proposta da Estratégia como Prática Social é uma abordagem recente no continente europeu e no Brasil. Portanto, entende-se como contribuição teórica o estudo dessa perspectiva contemporânea com foco nas práticas dos estrategistas.

Johnson *et al.* (2007) apresentam três benefícios principais das pesquisas sobre estratégia como prática social (EPS): dirigir-se às pessoas que realmente administram estratégias; oferecer um nível mais profundo de análises e de explicações para as especificidades estratégicas; prover mecanismos para todo o campo de estratégia, visto que o que se realiza nessa perspectiva estende-se a vários temas na área e contribui para adicionar *insights* que interessam ao campo em nível macro.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Estratégia como Prática Social (EPS)

Precusores como Chandler (1962) e Ansoff (1965) influenciaram, com sua visão clássica, o campo de estudo da estratégia organizacional em seu surgimento, época na qual o racionalismo cartesiano imperava nos estudos organizacionais (CLEGG; HARDY, 1999). Essas influências marcaram o desenvolvimento do campo sob uma ótica segundo a qual o fazer estratégia se caracterizava pela determinação de metas e objetivos básicos a serem alcançados no longo prazo. A partir de determinados níveis de previsibilidade, o ambiente envolve em seu fazer o estrategista, que deve ser capaz de perceber oportunidades, obstáculos e ameaças (ANSOFF, 1965). Essa visão clássica influenciou autores voltados para a tipificação de posicionamentos estratégicos e para aspectos econômicos, como Porter (1989; 1991).

Com o desenvolvimento do campo, a abordagem clássica passou a conviver com visões em que a estratégia é considerada como um processo incremental (WHIPP, 2004). Pettigrew (1977) e Mintzberg (1978) são precusores dessa corrente e para os autores, além dos estrategistas da alta direção, outros atores podem interferir na estratégia organizacional, que não segue apenas planos definidos *a priori*. Essa visão de estratégia como processo incremental, permeado pela ação de vários atores, abriu caminho para a ênfase nas práticas sociais cotidianas, remetendo a diversas propostas (SILVA, 2011).

No processo de formação da estratégia, busca-se entender e explicar como as estratégias são formuladas, implementadas e avaliadas. Mintzberg e Waters (1985) descreveram dois tipos de estratégias: as deliberadas e as emergentes. Esses autores definiram que, para ser perfeitamente deliberada, a estratégia deve atender três condições: I – deve haver intenções precisas na organização, detalhadas de modo a não haver dúvidas sobre o que é desejado antes de as ações serem concretizadas; II – a estratégia deve ser aceita pelos líderes; III – as intenções coletivas devem ser realizadas exatamente como pretendidas, sem interferência de nenhuma força externa, ou seja: o ambiente tem que ser previsível e sob total controle da empresa.

Para Mintzberg e Walters (1985), a estratégia emergente é aquela que surge na ausência de intenção formal, mas não significa o caos na organização, mas sim que a empresa é flexível e ágil e tem vontade de aprender. Os autores esclareceram que as estratégias emergentes permitem ações coletivas e comportamentos coletivos, enquanto que as mais deliberadas buscam a direção centralizada e hierárquica.

A tomada de decisão por meio das estratégias deliberadas são decisões de cima para baixo (*topdown*), seguindo o modelo racional, formal e burocrático na organização. Nas estratégias emergentes, as decisões acontecem no sentido oposto, de baixo para cima (*bottom-up*), com uma visão democrática e priorizando a participação das pessoas (MINTZBERG; AHLSTRAND; LAMPEL, 2010), e há, ainda, o processo integrador de formação da estratégia (*middle-up-down*), na qual a gerência intermediária articula as decisões que vêm de cima e de baixo, envolvendo todos os níveis hierárquicos (ANDERSEN, 2000; LAVARDA *et al.*, 2010).

Para investigar com profundidade como a estratégia é implementada e como ela se desenvolve na organização, leva-se em consideração a abordagem da “estratégia como prática”. Nessa abordagem, o foco está nas atividades cotidianas, socialmente realizadas por meio de ações e interações dos atores envolvidos, não somente as formais, mas as atividades que podem ter consequências significativas para as organizações e para as pessoas (JOHNSON; MELIN; WHITTINGTON, 2003).

Assim, considerar a estratégia uma prática social, como algo que as pessoas fazem, tem um efeito descentralizador sobre as proposições tradicionais da finalidade da estratégia. A análise se desloca um nível abaixo para tratar dos processos estratégicos gerais e das atividades daqueles que praticam a estratégia, fugindo da perspectiva gerencialista e passando a considerar não mais a performance dos estrategistas, mas sim o modo como desempenham seus papéis. Dessa forma, “aceitar a estratégia como uma prática social envolve a recusa em privilegiar a performance da firma, em benefício da performance do campo como um todo ou dos praticantes da estratégia individualmente” (WHITTINGTON, 2004, p.48).

Uma perspectiva principal da EPS é a preocupação com a prática social, pois esta se mostra como configuração de atividades devido às interações sociais

(REGNÉR, 2008). Whittington (2006) enfatizou que a integração de três elementos, que não necessariamente se combinam ao mesmo tempo - práticas, práxis e praticantes, condiz com a “estratégia como prática”. As práticas se referem às rotinas e atividades realizadas dentro da organização. A práxis refere-se à forma como as pessoas realizam as atividades, e os praticantes são os estrategistas que executam as atividades, ou seja, os que realizam as práticas.

O “fazer estratégia”, ou seja, a interconexão de práticas, práxis e praticantes chama-se *strategizing* — atividades e práticas estratégicas (JARZABKOWSKI; WILSON, 2004). Essa abordagem para avaliar a “estratégia como prática” considera as atividades realizadas, as práticas, bem como permite um estudo dos praticantes da estratégia e das práxis em que estão envolvidos (JARZABKOWSKI, 2010).

Para o entendimento dos elementos que se interconectam formando a *strategizing*, pode-se dizer que as práticas são as atividades consideradas no contexto cultural e social, pois os indivíduos interagem no coletivo e também na comunidade. As práticas orientam as atividades por intermédio da combinação da cognição, racionalidade, comportamento etc. (JARZABKOWSKI; BALOGUN; SEIDL, 2007).

Nas práxis, as atividades coletivas são realizadas de forma intencional ou objetivamente orientada. As objetivamente orientadas são de longa duração, de acordo com o histórico ou cultura da organização, porém, ao longo do tempo, ações são reconstruídas de acordo com os motivos e desejos das diferentes partes. Entender essa relação é essencial para compreender a práxis, ou seja, entender como as atividades estratégicas são realizadas nos diferentes níveis organizacionais (JARZABKOWSKI; BALOGUN; SEIDL, 2007).

Os praticantes são os sujeitos interagindo dentro de um sistema de base social, executam as atividades e o modo como as executam depende de seus pensamentos e de quem são (JARZABKOWSKI; BALOGUN; SEIDL, 2007).

Jarzabkowski e Whittington (2008) esclareceram que os estudiosos da estratégia como prática examinam de perto o fazer real da estratégia: os artefatos materiais em mão, a linguagem utilizada, o posicionamento físico em episódios de estratégia, o riso, a frustração, a raiva, a excitação, a antecipação, o tédio, a

repetição e as manobras políticas que estão juntas no fazer estratégia. Também buscam explicações acerca das atividades e suas consequências, tratando-se, assim, da reflexão da prática real. Balogun *et al.* (2014) corroboraram a ideia de que estratégia envolve todas as formas de comunicação concebidas pela organização, como conversas informais, reuniões formais de estratégias, declarações corporativas, enfim, palavras faladas e materializadas em textos.

A abordagem da EPS não se limita a verificar como os estrategistas que decidem as estratégias pensam e conduzem, mas também compreender como as demais pessoas da organização contribuem (GOLSORKHI *et al.*, 2010).

2.2 Análise bibliométrica

Araújo (2006) comenta que os estudos bibliométricos proliferaram na década de 1970, principalmente com os estudos realizados no Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), hoje Instituto Brasileiro de Informação Científica e Tecnológica (IBICT). Ao longo da década de 1980 houve uma queda no interesse pela bibliometria, tanto no Brasil como no exterior. No início dos anos 1990, com as possibilidades do uso do computador, voltou a haver um grande interesse na exploração das metodologias quantitativas.

Com a informatização decorrente do avanço tecnológico, a bibliometria conheceu grande impulso, o que lhe permitiu criar mais fácil e precisamente mapas do conhecimento, credenciando-se a tornar-se uma importante ferramenta de políticas em Ciência, Tecnologia e Informação (MORETTI; CAMPANARIO, 2009). Medeiros e Vitorino (2015), explicam que a bibliometria é uma técnica estatística utilizada para mensurar aspectos da produção acadêmica, dedicando-se aos aspectos quantitativos da produção, disseminação e uso da informação registrada que contribui para o desenvolvimento da ciência. Segundo Figueiredo (1977 apud ARAÚJO 2006, p.13), a bibliometria desde sua origem é marcada por uma dupla preocupação: a análise da produção científica e a busca de benefícios práticos imediatos para biblioteca. Nesta análise da produção científica, podem-se descobrir autores mais citados e mais produtivos, elite e frente de pesquisa, fator de impacto dos autores, procedência geográfica e/ou institucional da bibliografia utilizada e dos

autores mais influentes em um determinado campo de pesquisa, tipo de documento mais utilizado, idade média da literatura utilizada, obsolescência da literatura, periódicos mais citados.

Quando se fala em busca de benefícios práticos imediatos para biblioteca, trata-se do desenvolvimento de coleções, da gestão de serviços bibliotecários, de conhecer o tamanho e as características dos acervos, elaborar previsões de crescimento, dentre outros. De acordo com Magalhães (2006), os indicadores conhecidos e de grande relevância no cenário da bibliometria dizem respeito ao número de trabalhos, citações, autorias, mapas de campos científicos, possibilitando monitorar e traçar tendências ao longo do tempo, pelo número de trabalhos divulgados nesse campo. Portanto, através das técnicas bibliométricas é possível estabelecer relações entre as quantidades de periódicos, artigos e autores, bem como avaliar as referências citadas nos trabalhos.

Os indicadores bibliométricos gradualmente se consolidaram como ferramentas importantes para a gestão da política científica, por permitirem a avaliação quantitativa e objetiva de pesquisas, pesquisadores, periódicos e instituições científicas (MACIAS-CHAPULA, 1998; DAVYT; VELHO, 2000; SMITH, 2012).

A presença de um periódico nos índices de citação, sinônimo de visibilidade, se somou à revisão por pares como critério para sua legitimação: “[a] comunidade científica concedeu às revistas *indexadas e arbitradas (com peer review)* o *status* de canais preferenciais para a certificação do conhecimento científico” (MUELLER, 2006, p. 27). Assim, às motivações tradicionais da publicação científica – “divulgar descobertas científicas, salvaguardar a propriedade intelectual e alcançar a fama” (MACIAS-CHAPULA, 1998, p. 134), soma-se a necessidade de publicar para não perecer, uma vez que a obtenção de financiamento de pesquisa e o avanço na carreira estão vinculados a avaliações de desempenho que incorporam índices bibliométricos (PROCTER *et al.*, 2010).

3. METODOLOGIA

3.1 Tipo de pesquisa

Quanto à natureza, a pesquisa classifica-se como bibliográfica.

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

O método de pesquisa utilizado foi a bibliometria. De acordo com Vanti (2002), a bibliometria é um conjunto de métodos de pesquisa em constante evolução, que utiliza análises quantitativa, estatística e de visualização de dados, não só para mapear a estrutura do conhecimento de um campo científico, mas também como uma ferramenta primária para a análise do comportamento dos pesquisadores em suas decisões na construção desse conhecimento.

3.2 Coleta de dados

A coleta dos dados utilizados neste estudo pode ser sintetizada em quatro etapas:

a) Etapa 1: Primeiramente foram identificadas as bases de dados a serem utilizadas no estudo. Considerando a representatividade e abrangência sobre a literatura acadêmica, foram adotadas como fonte de dados a base *Web of Science* (WoS), sendo essa a base que dá origem ao *Journal Citation Report* (JCR), ou seja, ao fator de impacto dos periódicos, e também a *Scielo Citation Index* (SciELO CI).

O Fator de Impacto (abreviado FI, do inglês: *Impact Factor*) é um método bibliométrico para avaliar a importância de periódicos científicos em suas respectivas

áreas. Uma medida que reflete o número médio de citações de artigos científicos publicados em determinado periódico (método científico de comprovação da veracidade das informações), criado por Eugene Garfield, onde os de maior FI são considerados mais importantes (JCR, 2006).

O SciELO CI compartilha as mesmas funções, recursos e navegabilidade da interface do WoS juntamente com as demais bases de dados que integram a plataforma WoS. Os fundamentos, objetivos e perspectivas têm duas motivações principais. A primeira é promover a presença do SciELO em um dos índices bibliográficos e bibliométricos de referência internacional para ampliar a visibilidade e credibilidade dos periódicos. A segunda, é operar a indexação dos periódicos SciELO, em particular a contagem de citações em um universo amplo de periódicos, compreendendo os indexados na Rede SciELO e na plataforma WoS (PACKER, 2014).

b) Etapa 2: Em seguida, realizou-se uma pesquisa dos artigos nas bases de dados escolhidas, através do acesso ao site (<http://apps.webofknowledge.com>). Foram utilizados como critério de seleção os artigos que possuíam as seguintes palavras chave: “strategy as social practice”, “strategizing”, “formulation of the strategy”, “strategists”, “estratégia como prática social”, “formulação da estratégia”, “estrategistas”, “maneiras de fazer o cotidiano”, “articulação de ações” e “práticas sociais cotidianas”. Foram selecionadas palavras chave em inglês, por conta da ferramenta de busca ser de origem estrangeira, e também, palavras em português na intenção de encontrar artigos científicos nacionais. Para que a busca de palavras em português fosse possível, foi selecionada a base Scielo Citation Index, dentro da WoS. Para isso, os termos foram colocados entre aspas, delimitando assim a busca, como é ilustrado no Quadro 1.

Optou-se pela busca por tópico, pois ele pesquisa títulos, resumo e palavras chave e pelo tipo de documento, optou-se por artigos. Segundo a ABNT (NBR 6022, 2003, p.2), o artigo científico pode ser definido como a “publicação com autoria declarada, que apresenta e discute ideias, métodos, técnicas, processos e resultados nas diversas áreas do conhecimento”. A partir da amostra parcial, foi selecionado o item país, Brasil, e em seguida foi feita uma representação temática

pelo título, a fim de que os artigos selecionados fossem de fato da área pesquisada (administração e afins).

c) Etapa 3: Após essas duas etapas iniciais, realizou-se a seleção dos artigos a serem analisados no estudo. Ao todo foram identificados 48 artigos científicos nacionais relacionados ao tema supracitado;

d) Etapa 4: Por fim, foram compilados e extraídos os resultados dos tópicos sobre ano de publicação, autores, periódicos, idiomas e universidades de cada palavra chave, a fim de obter um número plausível de dados para resolução do problema de pesquisa. Além disso, uma nuvem de palavras foi elaborada para destacar os principais temas dos artigos selecionados.

Quadro 1 – Comparação entre as palavras-chaves

TERMO EM INGLÊS	COM ASPAS	SEM ASPAS
"strategy as social practice"	3	14210
"strategizing"	730	730
"formulation of the strategy"	19	28604
"strategists"	1341	1972
TERMO EM PORTUGUÊS	COM ASPAS	SEM ASPAS
"estratégia como prática social"	16	202
"formulação da estratégia"	6	137
"estrategistas"	33	33
"maneiras de fazer o cotidiano"	0	6
"articulação de ações"	11	353
"práticas sociais cotidianas"	3	89

Fonte: A autora; Base: Web of Science

Quadro 2 – Definição da Amostra

TERMO EM INGLÊS	POPULAÇÃO	AMOSTRA PARCIAL	AMOSTRA
"strategy as social practice"	3	1	1
"strategizing"	730	12	4
"formulation of the strategy"	19	0	0
"strategists"	1341	49	7
TERMO EM PORTUGUÊS	POPULAÇÃO	AMOSTRA PARCIAL	AMOSTRA
"estratégia como prática social"	16	16	16
"formulação da estratégia"	6	4	2
"estrategistas"	33	16	14
"maneiras de fazer o cotidiano"	0	0	0
"articulação de ações"	11	9	3
"práticas sociais cotidianas"	3	2	1

Fonte: A autora; Base: Web of Science

O Quadro 1 apresenta a comparação entre as buscas utilizando palavras-chave entre aspas e sem utilizar aspas, a fim de demonstrar a grande diferença dos resultados quando não se delimita a busca. Já o Quadro 2 mostra quais foram os resultados da busca à medida que se adicionavam os filtros de pesquisa, mencionados anteriormente na seção de metodologia.

3.3 Análise dos dados

Para realização da análise dos dados utilizou-se a estatística descritiva. A análise de amostras de dados quantitativos, de maneira geral, pode incluir o resumo dos dados em quadros de frequências, representações gráficas (sendo as mais usuais os histogramas, polígonos de frequências e diagramas em geral), e a estimativa de parâmetros ou indicadores estatísticos (MARCONI; LAKATOS, 1996). Neste estudo as representações gráficas e quadros foram elaborados com auxílio do programa Microsoft Excel.

3.4 Limitações do método

O fator de impacto de periódico, calculado pela Thomson Reuters, tem sido frequentemente utilizado como um importante indicador na avaliação individual de artigos e cientistas. Órgãos de fomento e instituições de ensino e pesquisa, ao avaliar profissionais para fins de financiamento e/ou avanços na carreira, frequentemente utilizam o fator de impacto como medida indireta para estimar a influência de pesquisadores e publicações. De acordo com Garfield (2005, p. 18):

Supõe-se que um artigo publicado em periódico de alto impacto terá, necessariamente, mais influência do que se tivesse sido publicado numa revista com fator de impacto menor, mas tal prática pode gerar distorções, devido à assimetria no volume de citações entre artigos publicados num mesmo veículo, observada na maior parte das publicações.

A revisão por pares é problemática por ser lenta, desestimular a inovação, e por ser ineficiente para reduzir o volume de pesquisas publicadas, uma vez que parte considerável dos manuscritos rejeitados acaba sendo eventualmente publicada

em outra revista – “[a] rejeição pode impedir que um manuscrito apareça em um periódico científico específico [...], mas raramente evita seu eventual aparecimento na literatura periódica pública de uma disciplina científica” Garvey e Griffith (1972, p. 132).

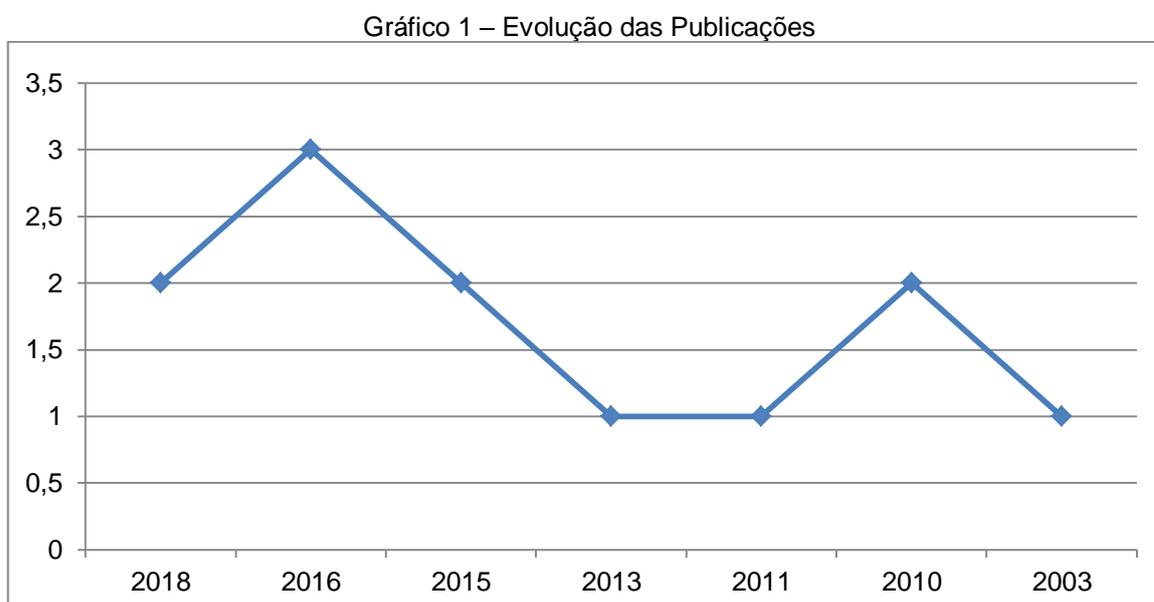
A contagem de citações é uma ferramenta valiosa, mas incompleta: desconsidera o contexto e as razões para citação, limita-se geralmente apenas às publicações formais (principalmente artigos de periódicos), e não consegue medir a influência que os trabalhos científicos podem ter fora da academia (PRIEM *et al.*, 2010).

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Ao todo foram analisados 48 artigos e, a partir dos resultados, foi possível a elaboração dos gráficos e quadros que serão apresentados e analisados a seguir, sendo os resultados da WoS referentes aos termos em inglês e os da SciELO CI em português.

4.1 Número de artigos publicados anualmente

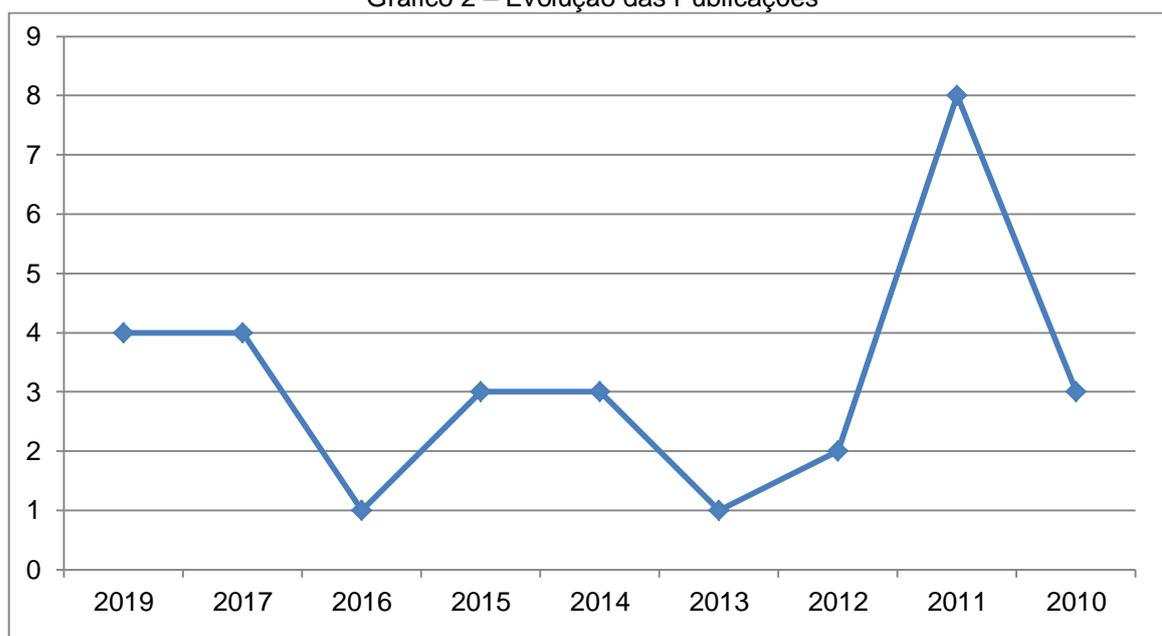
Segundo a ABNT (NBR 6022, 2003, p.2), o artigo científico pode ser definido como a “publicação com autoria declarada, que apresenta e discute ideias, métodos, técnicas, processos e resultados nas diversas áreas do conhecimento”.



Fonte: A autora; Base: Web of Science

Com relação ao ano de publicação por número de registros, pôde-se notar na busca em inglês, que entre 2011 e 2013 manteve-se estável e a partir de 2013 cresceu continuamente até alcançar o seu pico em 2016.

Gráfico 2 – Evolução das Publicações



Fonte: A autora; Base: SciELO CI

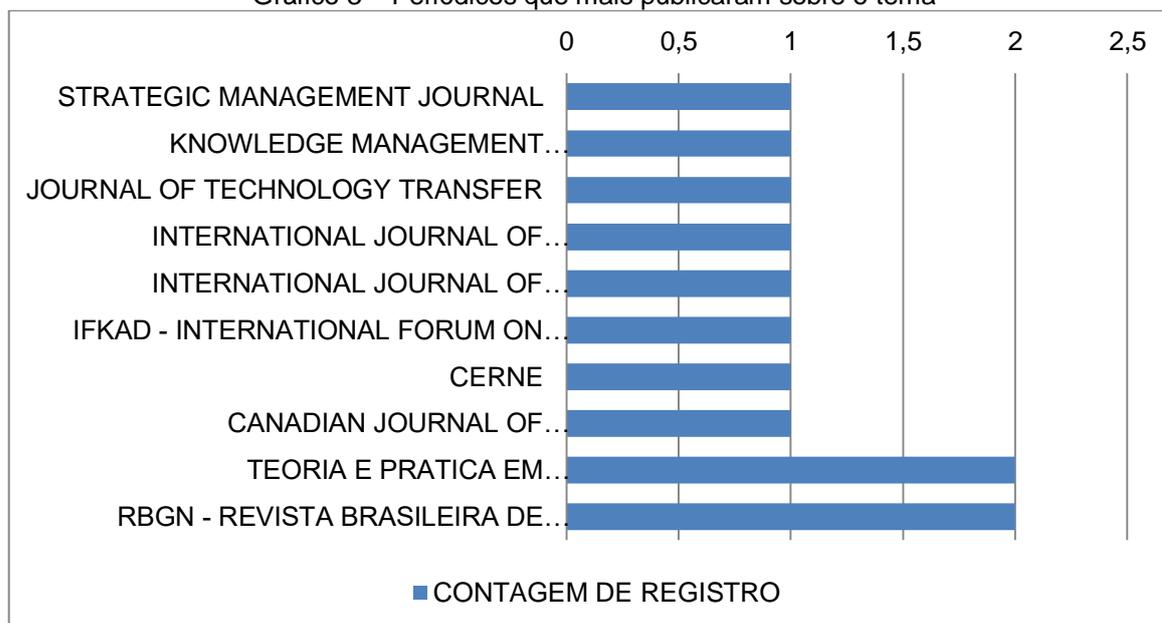
Já na busca em português, o maior número de publicações foi feito em 2011 e desde então vem oscilando, mantendo-se estável nos últimos dois anos.

4.2 Periódicos

Segundo a norma NBR 6023/2002, da ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas, um periódico científico é definido como “uma publicação em qualquer tipo de suporte, editada em unidades físicas sucessivas, com designações numéricas e/ou cronológicas e destinada a ser continuada indefinidamente” (ABNT, 2002).

A seguir serão apresentados os periódicos que mais publicaram sobre o tema, sendo o gráfico 3 pertinente à base WoS e o gráfico 4 à base SciELO CI.

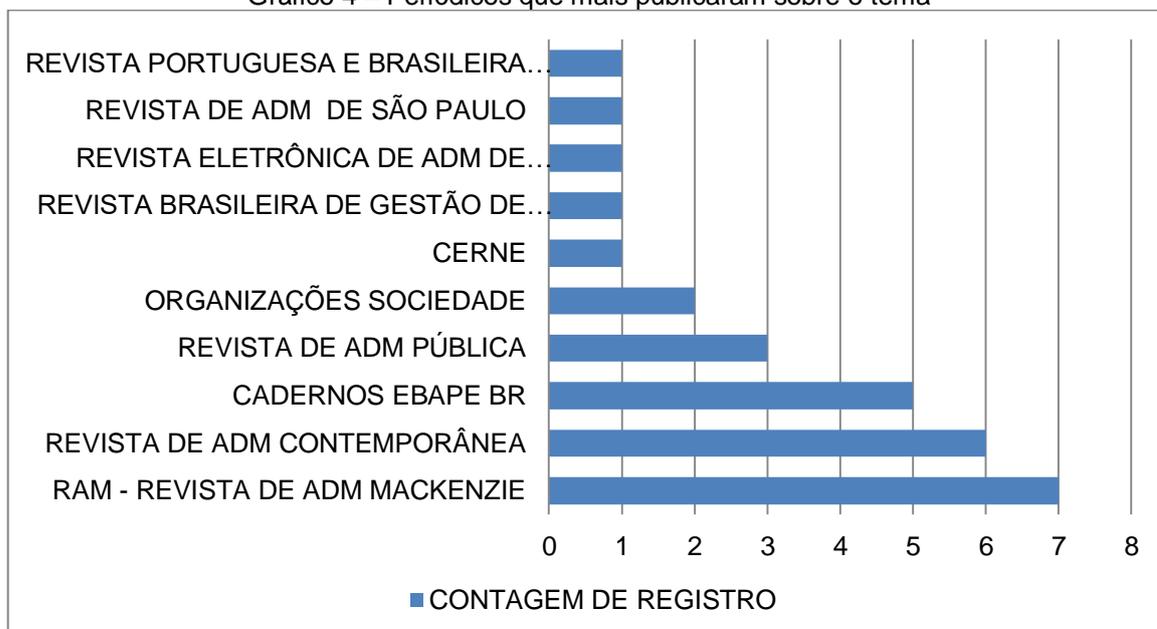
Gráfico 3 – Periódicos que mais publicaram sobre o tema



Fonte: A autora; Base: Web of Science

Quanto aos periódicos que mais publicaram sobre o tema, em inglês, destacam-se a Revista Brasileira de Gestão de Negócios (RBGN) e a Teoria e Prática em Administração (TPA).

Gráfico 4 – Periódicos que mais publicaram sobre o tema



Fonte: A autora; Base: SciELO CI

Já em português temos a Revista de Administração Mackenzie (RAM) e a Revista de Administração Contemporânea (RAC).

4.3 Autores

A seguir serão apresentados os autores que mais escreveram sobre o tema, sendo o quadro 3 pertinente à base WoS e o quadro 4 à base SciELO CI.

Quadro 3 – Autores que mais escreveram sobre o tema

AUTOR	CONTAGEM	AUTOR	CONTAGEM
Versiani, Angela Franca	1	Ramsey, Jase	1
Rezende, Sergio Fernando	1	Barakat, Livia	1
Magalhaes, Ana Thereza	1	Lazzarini, Sergio	1
Fischer, Bruno Brandao	1	Faria, Alex	1
Schaeffer, Paola Rucker	1	Gobbi, Beatriz Christo	1
Vonortas, Nicholas	1	Rubens Filho, Joaquim	1
Schmitt, Camila	1	Anna Nunes, Geraldo Sant	1
Scharf, Edson	1	Brito, Valeria da Gloria	1
Tureta, Cesar	1	Brito, Mozar Jose	1
Julio, Ana Carolina	1	Silva, Alfredo Rodrigues	1

Fonte: A autora; Base: Web of Science

Foi possível observar que no resultado das buscas em inglês não se obteve retorno de autores que publicaram mais de uma vez sobre o tema.

Quadro 4 – Autores que mais escreveram sobre o tema

AUTOR	CONTAGEM	AUTOR	CONTAGEM
Bulgacov Sérgio	3	Augusto Mario Gomes	1
Faria Alexandre	3	Augusto Paulo Otávio Mussi	1
Insato Takeyoshi	3	Bastos Sérgio Pereira	1
Brito Mozar José	2	Brandt Jaqueline Zermiani	1
Brito Valéria Pereira	2	Canhada Diego Iturriet Dias	1
Carrieri Alexandre de Pádua	2	Cattani Antonio David	1
Faria Alexandre de Almeida	2	Dias Almerinda Bianca	1
Aguiar Ana Rosa Camilo	1	Ferrarini Adriane Vieira	1
Almeida Fátima Barbosa	1	Ferreira Jane Mendes	1
Antunes Bruna Gulart	1	Dornelles Clara	1

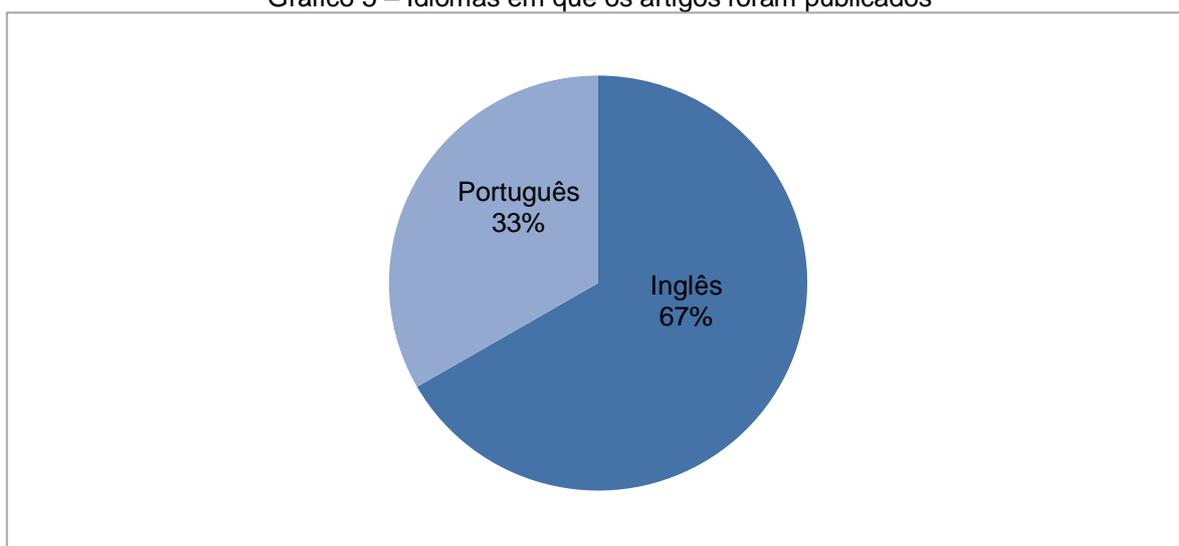
Fonte: A autora; Base: SciELO CI

Já nas buscas em português, os que mais escreveram sobre o tema, de dois a três artigos por autor, destacam-se: Sérgio Bulgacov, Alexandre Faria, José Brito, Valéria Pereira e Alexandre Carrieri.

4.4 Idiomas

Os idiomas encontrados na busca foram português e inglês, com variação na quantidade de acordo com o termo inserido (se em inglês, mais resultados em inglês e vice-versa). Os gráficos 5 e 6 apresentam os resultados da busca nas bases WoS e SciELO CI respectivamente.

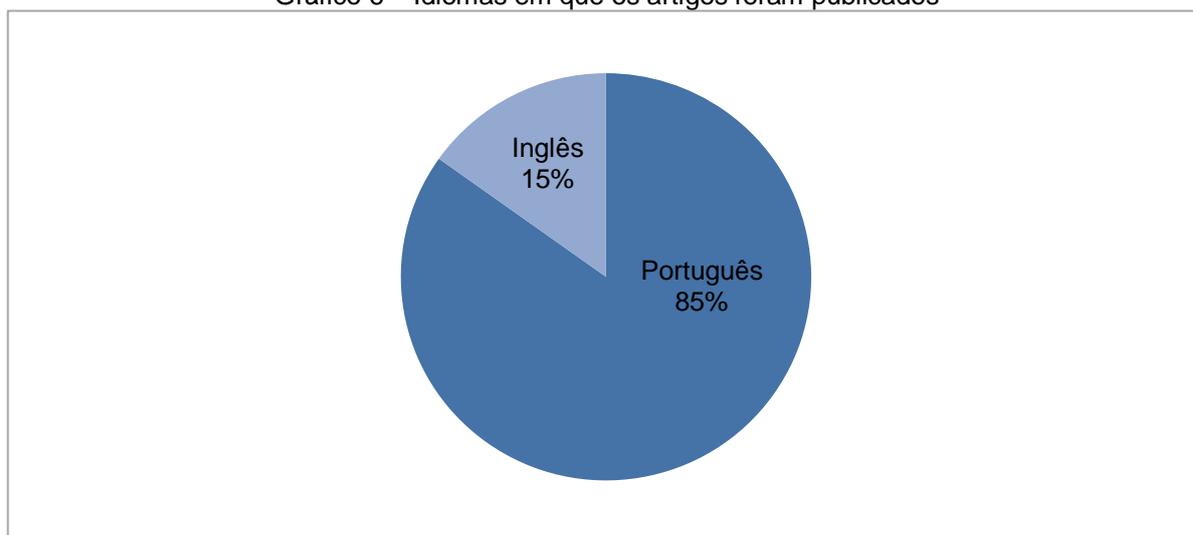
Gráfico 5 – Idiomas em que os artigos foram publicados



Fonte: A autora; Base: Web of Science

Na imagem observa-se a predominância da língua inglesa (67%) na busca feita na base WoS.

Gráfico 6 – Idiomas em que os artigos foram publicados



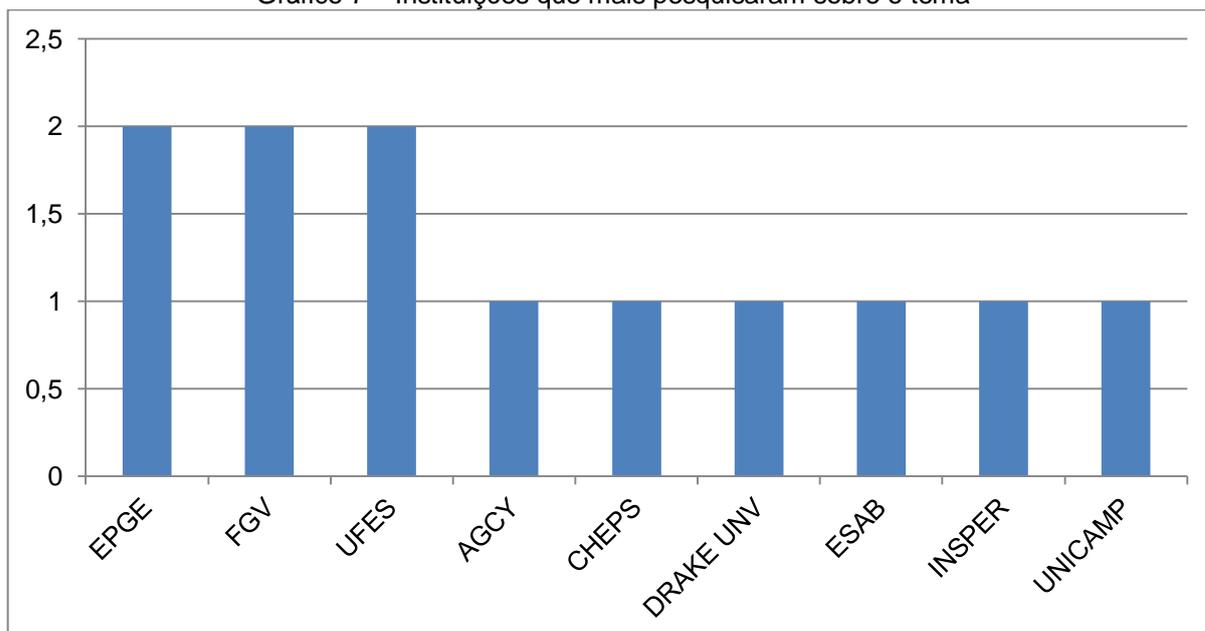
Fonte: A autora; Base: SciELO CI

Em contrapartida, na busca feita na base SciELO CI, houve uma predominância da língua portuguesa de 85%.

4.5 Instituições

A seguir serão apresentados os resultados referentes às universidades e faculdades que mais se destacaram na pesquisa sobre o tema. Os gráficos 7 e 8 apresentam os resultados da busca nas bases WoS e SciELO CI respectivamente.

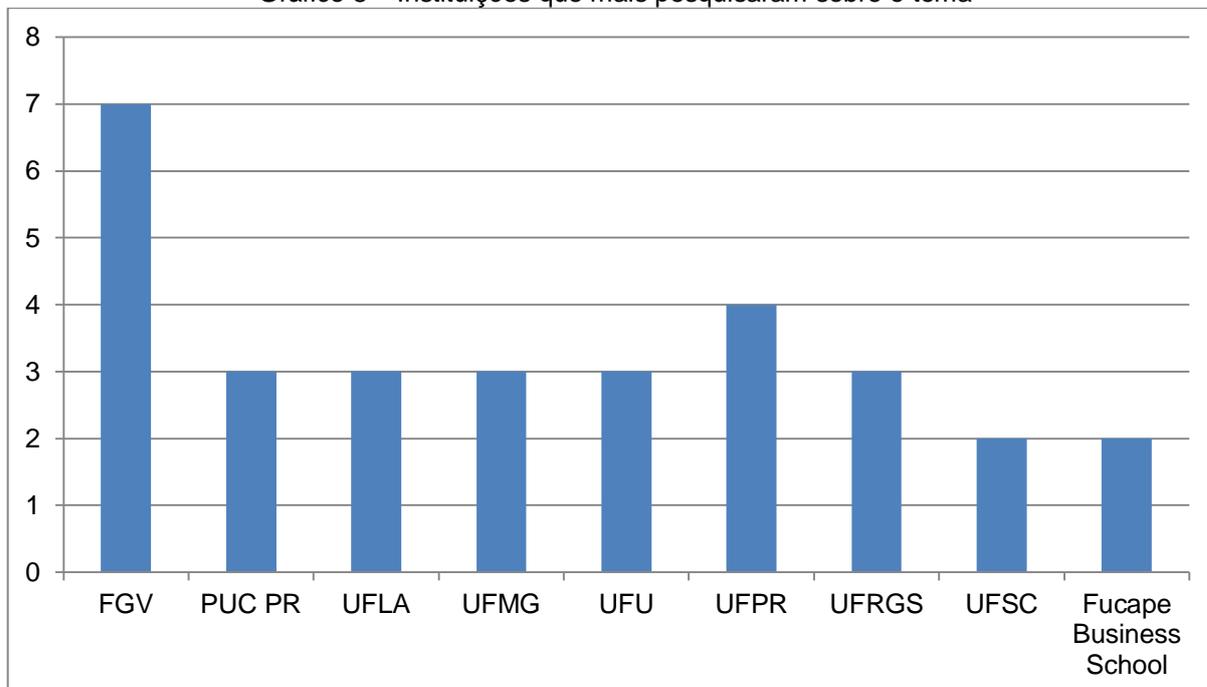
Gráfico 7 – Instituições que mais pesquisaram sobre o tema



Fonte: A autora; Base: Web of Science

No que concerne às instituições que mais pesquisaram sobre o tema, a FGV – Fundação Getúlio Vargas foi a que mais se destacou tanto nas buscas em inglês quanto em português. Além disso, temos o Instituto de Ensino e Pesquisa (INSPER) e a Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) para os termos em inglês.

Gráfico 8 – Instituições que mais pesquisaram sobre o tema



Fonte: A autora; Base: SciELO CI

Já para os termos em português, a Universidade Federal do Paraná (UFPR) e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) se sobressaíram.

4.6 Temas

No âmbito dos estudos da estratégia como prática social foram observados também os conteúdos das publicações a partir de um mapeamento dos termos extraídos das palavras-chave dos artigos que tinham relação temática com os aspectos que envolvem a EPS, sendo as palavras de maior destaque as que foram mais recorrentes. Assim foi possível elaborar a nuvem de palavras ilustrada no gráfico 9 a seguir.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredita-se que a estratégia como uma prática social fundamenta a noção de que as organizações são socialmente construídas a partir da interação entre os indivíduos que delas fazem parte. Essas interações se dão fundamentalmente por meio da linguagem, a qual é o principal veículo de socialização dos membros de uma sociedade e também de uma organização (BERGER e LUCKMANN, 2003).

Relativamente ao número de publicações relacionadas ao tema notou-se que ocorreu uma redução nos últimos anos, tendo alcançado no ano de 2011 o maior número de publicações desses artigos.

Quanto aos periódicos que mais publicaram sobre destacaram-se a Revista Brasileira de Gestão de Negócios (RBGN) e a Revista de Administração Mackenzie (RAM).

Sobre os autores que mais escreveram sobre o tema, de dois a três artigos por autor, evidenciaram-se: Sérgio Bulgacov com obras como “Estratégia como Prática: a Construção de uma Realidade Social em Processos de Interação Organizacional”, “Estratégia como Prática Social e Resultados Acadêmicos: o Doutorado em Administração na USP e na UFRGS” e “Contribution to the Concept of Governance from the Perspective of Social Practice” e Alexandre Faria com obras como “Agência em Estratégia: Conectando Prática Social e Codeterminação” e “A Responsabilidade Social É uma Questão de Estratégia? Uma Abordagem Crítica”.

Já os idiomas encontrados na busca foram predominantemente português e inglês, com variação na quantidade de acordo com o termo inserido (se em inglês, mais resultados em inglês e vice-versa).

No que concerne às instituições que mais pesquisaram sobre o tema, a Fundação Getúlio Vargas (FGV) foi a que mais se destacou tanto nas buscas em inglês quanto em português.

Foram observados também os conteúdos das publicações a partir de um mapeamento dos termos extraídos das palavras-chave dos artigos, e notou-se que

as palavras estratégia e *strategy* bem como prática e *practice* foram as mais recorrentes.

Esse trabalho buscou apresentar um panorama sobre a produção científica nacional a respeito da estratégia como prática social. Pôde-se concluir que existe uma escassez de informações e análises científicas acerca do tema.

Dessa forma, ainda há grande espaço para crescimento, tanto no que se refere ao número de artigos quanto aos temas que ainda não foram estudados como, por exemplo, observa-se que estudos brasileiros ainda não exploraram temas já pesquisados no exterior, como microprática, *organizing*, ferramentas estratégicas e integração entre os níveis micro e macro. Sugere-se, para futuras pesquisas, estudos baseados na EPS sobre o emprego de ferramentas estratégicas, enfocando, principalmente, o uso que os estrategistas brasileiros fazem dessas ferramentas para o *strategizing* e para a difusão de práticas estratégicas.

REFERÊNCIAS

- ANDERSEN, Thomas J. Strategic planning, autonomous actions and corporate performance. **Long Range Planning**, v. 33, n. 2, p. 184-200, 2000.
- ANSOFF, I.H. Corporate strategy: business policy for growth and expansion. New York: **McGraw-Hill**, 1965.
- BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. A construção social da realidade. Petrópolis: **Vozes**, 2003.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: **Vozes**, 2002. 352 p.
- CHANDLER, A.D. Strategy and structure: chapters in the history of American industrial enterprise. Cambridge, Massachusetts: **MIT Press**, 1962.
- DAVYT, Amilcar; VELHO, Léa. A avaliação da ciência e a revisão por pares: passado e presente. Como será o futuro? **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 7, n. 1, p. 93-116, jun. 2000.
- ELSEVIER. Scopus. Amsterdam: **Elsevier**, 2004. Material publicitário.
- GARVEY, William D.; GRIFFITH, Belver C. Communication and information processing within scientific disciplines: empirical findings for Psychology. **Information Storage and Retrieval**, v. 8, n. 3, p. 123-136, 1972.
- GOLSORKHI, Damon et al. Cambridge handbook of strategy as practice. Cambridge: **Cambridge University Press**, 2010.
- JARZABKOWSKI, Paula. Activity-theory approaches to studying strategy as practice. In: GOLSORKHI, Damon et al. (Ed.). Cambridge Handbook of strategy as practice. Cambridge: **Cambridge University Press**, 2010. p. 127-140.
- JARZABKOWSKI, Paula. Strategy as practice: an activity-based approach. Londres: **Sage**, 2005.
- JARZABKOWSKI, Paula; BALOGUN, Julia; SEIDL, David. Strategizing: the challenge of a practice perspective. **Human Relation**, v. 60, n. 1, p. 5-27, 2007.
- JARZABKOWSKI, Paula; WILSON, David C. Thinking and acting strategically: new challenges for interrogating strategy. **European Management Review**, v. 1, n. 1, p. 14-20, 2004.
- JOHNSON, Gerry et al. Strategy as practice: research directions and resources. Nova York, NY: **Cambridge University Press**, 2007.

JOHNSON, Gerry; MELIN, Leif; WHITTINGTON, Richard. Micro strategy and strategizing: towards an activity-based view. **Journal of Management Studies**, v. 40, n. 1, p. 3-22, 2003.

LAVARDA, Rosalia A. B.; CANET-GINER, Maria Teresa; PERIS-BONET, Fernando J. How middle managers contribute to strategy formation process: connection of strategy processes and strategy practices. **Revista de Administração de Empresas**, v. 50, n. 4, p. 358-370, 2010.

MACIAS-CHAPULA, Cesar A. O papel da informetria e da cienciometria e sua perspectiva nacional e internacional. **Ciência da Informação**, v. 27, n. 2, p. 134-140, 1998.

MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 3.ed. São Paulo: **Atlas**, 1996.

MINTZBERG, H. Patterns in strategy formation. **Management Science**, Hanover, USA, v.24, n.9, p.934-948, May 1978.

MINTZBERG, Henry; AHLSTRAND, Bruce; LAMPEL, Joseph. Safári de estratégia: um roteiro pela selva do planejamento estratégico. 2. ed. Porto Alegre: **Bookman**, 2010.

MINTZBERG, Henry; WATERS, John S. Of strategies, deliberate and emergent. **Strategic Management Journal**, v. 6, n. 3, p. 257-272, 1985.

PETTIGREW, A.M. Strategy formulation as a political process. **International Studies of Management & Organization**, New York, USA, v. 7, n.2, p.78-87, Summer 1977.

PORTER, Michael E. Competitive strategy. Nova York: **Free Press**, 1980.

PRIEM, Jason et al. **Altmetrics**: a manifesto. 26 Oct. 2010. Disponível em: <<http://altmetrics.org/manifesto>>. Acesso em: 20 março 2019.

PROCTER, Rob et al. Adoption and use of Web 2.0 in scholarly communications. **Phil. Trans. R. Soc. A**, v. 368, n. 1926, p. 4039-4056, 2010.

REGNÉR, Patrick. Strategy-as-practice and dynamic capabilities: steps towards a dynamic view of strategy. **Human Relations**, v. 61, n. 4, p. 565-588, 2008.

SMITH, Derek R. Impact factors, scientometrics and the history of citation-based research. **Scientometrics**, v. 92, p. 419-427, 2012.

VERGARA, S. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração**. 16. ed. São Paulo: Atlas, 2016.

WHIPP, R. Desconstrução criativa: estratégia e organizações. In: CLEGG, S.; HARDY, C.; NORD, W.R. (Org.). Handbook de estudos organizacionais: ação e análise organizacionais. São Paulo: **Atlas**, 2004. v.3.

WHITTINGTON, R. Completing the practice turn in strategy research. **Organization Studies**, 27(5), 613-634, 2006.

WHITTINGTON, R. Estratégia após o modernismo: recuperando a prática. **Revista de Administração de Empresas**, v. 44, n. 4, p. 44-53, out./dez. 2004.